

um modo geral. A obra se constrói como crítica criadora, seduzindo-nos e conduzindo-nos à releitura dos romances do escritor. Os estudos das literaturas africanas de língua portuguesa não foram apenas fortalecidos, como pretenderam as pesquisadoras, foram também alimentados com um biscoito dos mais finos.

*Professora de Literaturas Africanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

FILHOS DA PÁTRIA

João Melo

Rio de Janeiro: Record, 2008

Vanessa Ribeiro Teixeira*

«[...] porque, porque, porque, eu disse puta que pariu esses porques [...]». A personagem responsável por essa frase, uma desgraçada prostitua, de apenas 15 anos, refugiada da guerra em Angola – que abortara mais um futuro «filho da pátria» pelos lixões da cidade de Luanda – é uma das mais fascinantes apresentadas nas páginas do livro de contos do escritor João Melo. Nesta obra, cruzam-se as diversas faces da atual realidade sociocultural e política angolana.

Se aos olhos do leitor desavisado ainda não saltaram as ressonâncias do trocadilho óbvio do título, observemos a citação que encabeça a página das epígrafes de abertura do livro: «*Esta é a pátria que me pariu.*» Esse verso, extraído de uma composição do rapper brasileiro Gabriel, O Pensador,

dialoga com o tom incisivamente crítico que permeia toda a obra do escritor angolano. Além disso, esta epígrafe é a primeira das três evocadas no volume – e que incluem uma citação de Arlindo Barbeitos e outra, de José Saramago –, estando também à frente de uma série de referências e jogos intertextuais articulados pelos diferentes narradores de *Filhos da Pátria*.

Ao longo de mais de 160 páginas, o livro reúne dez contos, construindo um mosaico de vozes e olhares que convidam o leitor – ainda que alguns de seus narradores recusem, peremptoriamente, essa intimação – a refletir sobre os meandros das relações sociais e sobre suas tantas crueldades possíveis. Curiosamente, ao mesmo tempo em que recriam, ficcionalmente, a realidade angolana, os contos de João Melo evocam um espaço muito maior a ser revisto por sua proposta crítica. Não é tão-somente de Angola e do homem angolano que se fala, mas do homem no mundo... e da mulher também, é claro.

Em contos como «O elevador» e «O cortejo», por exemplo, nossos olhos se deparam com a prática desenfreada da corrupção e o enriquecimento supersônico de uma parcela mínima da população, sustentada por um capitalismo esmagador, que invadiu Angola em meados da década de 90. A degradante situação dos refugiados de guerra, que, entre o «mato» e a cidade, só encontraram a fome, nos é apresentada nas linhas que escrevem «Tio, mi dá só cem» e «O feto». Os referidos contos articulam um intenso diálogo entre si,

pois, para além de narrarem as histórias de crianças vitimadas pela guerra, na condição de refugiados, são construídos em primeira pessoa, revelando um tom testemunhal que permitirá às verdades da miséria falarem por si próprias, sem intermediários. Assim, enquanto nossos ouvidos acomodados resistem em deixar ecoar as palavras do menino de rua de «Tio, mi dá só cem» – «[...] é de mais, tio, eu não aguento, mi dá só cem, tio, estou com bué de fome, não, tio, não diz que não, tio, a minha garina foi embora, a minha fome é do tamanho da minha dor [...]» (MELO, 2008, p. 39) –, a pequena puta de «O feto» só desabafa, pois tiraram-lhe a única esperança de respirar em paz, sem ter um homem estranho sobre si – «[...] na escola não me aceitaram, porque onde está o certificado, porque como é que vamos provar que você estava mesmo na quarta, porque é melhor ir no Ministério, porque, porque, porque, eu disse puta que pariu esses porques [...]» (pp. 141-142).

Outro tema recorrente em *Filhos da Pátria* diz respeito à discussão sobre as diferenças étnicas no território angolano, como podemos destacar da leitura de contos como «Ngola Kiluanje», «O efeito estufa», «Shakespeare ataca de novo» e «Abel e Caim». Nas quatro narrativas, nosso contador de estórias – ou seriam histórias?... – nos convida a refletir sobre tais questões, além de apontar-nos caminhos alternativos para aprendermos a lidar com aquilo que costumamos encarar como um impasse: a diferença. A resposta do escritor angolano se revela por entre

as páginas de *Filhos da Pátria*, e, «logo, logo», encontramos as palavras mais acertadas:

«[...] revelo sem qualquer espécie de pudor a minha preferência por personagens resultantes de encontros e cruzamentos espúrios, que se recusam a permanecer apegados aos lugares onde as suas raízes foram pela primeira vez lançadas ao chão, mas, antes pelo contrário, as espalham pela terra angolana inteira, disseminando assim o profícuo sonho de uma angolanidade aberta e dinâmica, para infelicidade geral dos que acreditam na existência de uma suposta «psicologia étnica» e numa identidade baseada no sangue e não na cultura [...]» (MELO, 2008, pp. 152-153).

No livro de João Melo, a identidade dos «filhos da pátria» é um compósito de realidades tristes e de felizes encontros, sem nunca resvalar numa formulação normativa, imutável ou radical. «Natasha» e «O homem que nasceu para sofrer» são exemplos disso. *Filhos da Pátria* é um convite para experimentarmos a diversidade, tão própria do ser humano.

*Vanessa Ribeiro Teixeira é Doutora em Letras Vernáculas. Foi beneficiada pela Bolsa de Pesquisa de Doutorado, patrocinada Fundação Calouste Gulbenkian e concedida pela Cátedra Jorge de Sena para Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros. Em sua recente tese, a autora se debruça sobre as alegorizações da história e dos sentidos humanos nos romances *Memorial do Convento* e *A Gloriosa Família – o Tempo dos Flamengos*, respectivamente de José Saramago e Pepetela.